



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO LÍNGUA INGLESA**

VITÓRIA KALIANE DE OLIVEIRA

**UM ATO DE LIBERTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NO
ROMANCE *AS HORAS*, DE MICHAEL CUNNINGHAM**

**GUARABIRA
2017**

VITÓRIA KALIANE DE OLIVEIRA

**UM ATO DE LIBERTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NO
ROMANCE *AS HORAS*, DE MICHAEL CUNNINGHAM**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras
Inglês da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em letras, habilitação em língua
inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientador: Prof. Me. Auricélio Soares
Fernandes.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48a Oliveira, Vitoria Kaliane de.

Um ato de libertação [manuscrito] : as representações do suicídio no romance As Horas , de Michael Cunningham / Vitoria Kaliane de Oliveira. - 2017.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes, Coordenação do Curso de Letras - CH."

VITÓRIA KALIANE DE OLIVEIRA

**UM ATO DE LIBERTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NO
ROMANCE *AS HORAS*, DE MICHAEL CUNNINGHAM**

Artigo apresentado ao curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciada em Letras Habilitação em Língua
Inglês.

Área de concentração: Literatura de Língua
Inglês.

Aprovada em: 21/11/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Auricélio Soares Fernandes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/UEPB)


Prof. Dra. Rosângela Neres
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Caio Antonio Medeiros Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha filha, Ana Beatriz Oliveira de lima,
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão inicial vai para Aquele que me capacitou e não me deixou desistir. Deus obrigada por ser sempre meu companheiro!

Ao professor Auricélio Soares Fernandes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, paciência e amizade.

À minha mãe Josefa Freire de Assis, às minhas irmãs Maria Diany de Lima e Maria Diany de Lima, à minha avó materna Irene, aos meus avós paternos, e como também aos demais familiares pelo apoio, e por acreditar que seria possível.

Ao meu esposo Valdenilson Ferreira de Lima, por seu empenho e dedicação em toda a minha trajetória neste curso, e por todas as dificuldades que enfrentamos juntos para a realização deste.

À nossa filha Ana Beatriz, que veio para nos encher de amor e alegria.

Aos professores do Curso de graduação da UEPB Campus III, em especial, Auricélio Soares, que contribuiu ao longo dos quatro anos de curso, por meio das disciplinas e debates, para o meu aprendizado, como também, o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos meus amigos da turma 2013.2, tarde; Jaquicilene Alves, Simone Lacerda, Ivandra Alice, Kennedy Calixto, Paulo Sóstenes, Gustavo Paiva e Jaeffison Furtado pelos momentos de amizade, carinho, apoio e troca de ideias.

“[...] Vivemos nossas vidas, fazemos nossas coisas, depois dormimos – é simples assim, comum assim. Alguns se atiram da janela, outros se afogam, tomam pílulas; muito mais morrem em algum acidente; e a maioria de nós, a grande maioria, é devorada por alguma doença ou, quando temos muita sorte, pelo próprio tempo. Existe apenas isto como consolo: uma hora, em um momento ou outro, quando, apesar dos pesares todos, a vida parece explodir e nos dar tudo o que havíamos imaginado, ainda que qualquer um, exceto as crianças (e talvez até elas), saiba que a essa seguir-se-ão inevitavelmente muitas outras horas, bem mais penosas e difíceis[...]”.

(CUNNINGHAM, 1999, p.175)

Sumário

1 Introdução.....	9
2 O suicídio: um ato desconcertante e única saída?	11
3 As horas da libertação.....	16
3.1 <i>As Horas</i> : uma viagem do real ao imaginário	16
3.2 O suicídio como representação da liberdade	18
4 Considerações Finais	24
Referências	26

UM ATO DE LIBERTAÇÃO: AS REPRESENTAÇÕES DO SUICÍDIO NO ROMANCE *AS HORAS*, DE MICHAEL CUNNINGHAM

Vitória Kaliane de Oliveira¹

RESUMO

Este trabalho pretende discutir as representações do suicídio no romance *As Horas*, de Michael Cunningham (1999), através das personagens Virgínia Woolf e Richard Brown, assim como a tentativa frustrada de Laura Brown; personagens estas que vivem em épocas distintas mas que estão interligadas através do romance *Mrs. Dalloway*, da escritora Virgínia Woolf. Nosso objetivo principal nessa pesquisa é levantar questionamentos sobre o ato suicida e discutir as prováveis razões pelas quais essas três personagens decidem por tal ato no romance de Cunningham. Fundamentaremos nossa pesquisa partindo das definições e estudos filosóficos de Gaio e Bentes (2016), Marquetti (2012), também utilizando trabalhos de Durkheim (2000), que escreveu sobre o suicídio, debatendo principalmente suas causas sociais. No que concerne à melancolia e depressão, Freud (1944) discute sobre a incapacidade de amar, que leva os seres/personagens à renúncia do amor próprio, quando cometem este ato de desespero, enxergando neste, o único recurso para poder libertarem-se do sofrimento em suas vidas.

Palavras-Chave: *As Horas*. Suicídio. Libertação.

1 Introdução

O interesse inicial para o desenvolvimento desta pesquisa surge, quando nas aulas de literatura norte-americana, sou apresentada ao filme *The Hours* (2002), adaptação do romance com mesmo título de Michael Cunningham. Sendo o filme, dirigido por Stephen Daldry, ao qual obtive uma reação positiva entre os críticos, com nove indicações ao Oscar, incluindo melhor filme e uma vitória para Nicole Kidman como melhor atriz.

Após assistir ao filme, senti-me instigada a pesquisar um pouco mais sobre o suicídio, para melhor compreender as motivações que levam uma pessoa tirar sua vida, vendo neste ato uma libertação; e conseqüentemente, estudar mais sobre Virgínia Woolf, esta clássica escritora inglesa, que fascina a todos com sua obra literária, porém, através do escritor contemporâneo Michael Cunningham, que vem nos mostrar uma maneira inusitada

¹ Aluna de graduação em Letras - Inglês na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.
Email: vitoriak16@gmail.com

de contextualização da vida da escritora com sua obra *Mrs. Dalloway*, romanceando as horas de um dia na vida de personagens deslumbrantes.

O autor norte-americano, Michael Cunningham, nasceu na Califórnia em 1952. Estudou Literatura Inglesa na Universidade de Standford, onde se formou em 1975. Aos quinze anos, decidiu tornar-se escritor ao ler *Mrs. Dalloway*, da escritora Virgínia Woolf e após a publicação de várias obras, em 1998 publicou *The Hours*, obra em que Cunningham homenageou ao romance que inspirou a sua carreira, *Mrs. Dalloway*.

O romance foi visto pela crítica como um projeto ambicioso, mas bem sucedido, o que se confirmou com a atribuição dos prêmios Pulitzer e Pen/Faulkner na categoria de Ficção e foi um dos indicados para o *National Book Critics Circle Award*².

Neste trabalho, pretendemos discutir as representações do suicídio no romance *As Horas*, de Michael Cunningham (1999), através das personagens Virgínia Woolf e Richard Brown, assim como a tentativa frustrada da personagem Laura Brown³. O romance é permeado por uma narrativa em fluxo de consciência a partir do desenrolar de um dia na vida de três mulheres: a escritora inglesa Virgínia Woolf, em 1923, a dona de casa Laura Brown, em 1949, e a escritora bem sucedida Clarissa Vaughn, no final do século XX, personagens estas que vivem em épocas distintas mas que estão interligadas através do romance *Mrs. Dalloway*, da escritora Virgínia Woolf.

Nosso objetivo principal nessa pesquisa é discutir o ato suicida e as prováveis razões pelas quais essas três personagens femininas decidem por tal ato, no romance de Cunningham.

Inicialmente, vamos abordar algumas conceituações sobre o suicídio a partir dos estudos filosóficos de Gaio e Bentes (2016), Marquetti (2012), porém também utilizaremos trabalhos de Durkheim (2000) que escreveu sobre o suicídio, debatendo principalmente suas causas sociais. No que concerne à melancolia e depressão, utilizaremos escritos da teoria psicanalítica de Freud (1944), que discute sobre a incapacidade de amar, levando os seres/personagens à renúncia do amor próprio, quando cometem este ato de desespero.

Num segundo momento, discutiremos nosso objeto de estudo, o romance *As Horas*, no qual faremos uma breve contextualização sobre o foco narrativo e fluxo de consciência

² Informações disponíveis no site <<https://www.wook.pt/autor/michael-cunningham/32819>> acesso em: 14 out. 2017.

³ Contando com o fato de que a personagem não cometeu suicídio, apenas planejou, mas não o fez, citaremos a mesma na análise, mas com menos ênfase. Esta pesquisa terá um enfoque maior nos personagens Virgínia Woolf e Richard Brown, pois eles concretizaram o ato no romance; e apenas a autora V. Woolf suicidou-se na vida real, onde Cunningham baseou-se no fato para criar a história.

a partir das considerações de Carvalho (2012), que caracterizam a escrita dos romances em questão (*Mrs. Dalloway* e *As Horas*). Por fim, faremos uma análise das representações do suicídio presentes em *As Horas* para podermos entender suas causas: como os personagens Virgínia Woolf, Laura e Richard Brown enxergavam esse ato como único recurso para libertarem-se do sofrimento que cada um carregava em sua vida.

2 O suicídio: um ato desconcertante e única saída?

Definir o suicídio é algo complexo. Isso vai além das reflexões do senso comum, por não ser somente o fato de alguma pessoa tirar sua vida, mas todas as causas que levam alguém a fazê-lo. A palavra tem origem no latim – *sui* (si mesmo) e *caederes* (ação de matar) - ela se dirige para a necessidade de buscar a morte como um refúgio para o sofrimento que se torna insuportável. Durante muito tempo, diversos teóricos e filósofos discutiram sobre este assunto. Arthur Schopenhauer, por exemplo, em 1860, classificava o ato como “a positividade da vontade humana”; já o filósofo Jean Paul Sartre (1980) considerava o suicídio como “uma fuga ou um fracasso”.

Entretanto, não existe uma forma de debater sobre este assunto sem que haja ao menos uma referência ao conceito definido pelo filósofo e sociólogo Durkheim (2000, p.14): "chama-se suicídio todo o caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado". Por certo, existe um ritual e planejamento por parte do suicida, para que seu ato se realize como planejou e que seja certo.

Essa definição não se confunde com a tentativa que seria, como assegura Durkheim, "o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte" (2000, p. 14). Neste caso, o ato não se concretiza, porém está planejado e ritualizado.

Há quem diga que um suicida é louco ao abrir mão da sua vida por motivos julgados “supérfluos”. Porém, Durkheim (2000) afirma que “não se pode considerar todo suicida um louco, pois, [...] nem todo louco é levado a se matar”. Certamente existem fatos isolados de pessoas com distúrbios mentais que se matam pela própria loucura, porém não podemos generalizar, pois existem motivos diversos que podem levar alguém a suicidar-se. De acordo com Gaio e Bentes:

Na impossibilidade de defrontar-se com algum fracasso ou com o tormento que, para alguns, torna-se o fato de se retalharem, incluindo aí vezes que o mandam destruir-se, nas situações de luto não cumprido pela morte de pessoas queridas, nas demissões de emprego, na ocasião da aposentadoria, ou seja, situações que mexam em esteios da vida de um sujeito, muitos fazem destas situações fatos propiciadores do ato desesperado que é o suicídio (GAIO E BENTES, 2016, p.21).

Mesmo perante uma vida que notadamente seria considerada “normal”, ou diante de situações difíceis que exijam um maior esforço de superação, muitos recorrem ao suicídio. O sujeito se sente frustrado e incompleto, o que é inerente a qualquer ser humano, mas apresentam o estado de sua mente alterado, como uma dor da alma causada por uma forte angústia e potencializada por sintomas de psicose⁴ no seu mais alto grau além de depressão com sintomas delirantes. Este fato é também muitas vezes acompanhado do uso de drogas e álcool, que torna a ação do suicídio quase inevitável. Nesse contexto, muitas pessoas veem nesse fracasso uma motivação ao ato do suicídio, enxergando-o como única libertação para tanto sofrimento.

Os espectadores da cena suicida pública, muitas vezes veem na ação suicida um fator negativo para seu meio social e pouco se comenta sobre ele, pois é como se estivessem lidando com um tabu, negando-se ao debate. De acordo com Marquetti:

[...] O suicídio causa um estorvo no nosso meio sociocultural, desencadeia reações de incômodo e via de regra ele é concebido como desagradável, às vezes negado, tratado como algo inoportuno e sempre associado a sentimentos negativos. As representações simbólicas e conceitos a seu respeito circulam sempre entre elementos negativos como crime, doença, agressão, perversão, ausência de caráter, anormalidade e outros (MARQUETTI, 2012, p.88).

Muitos não aceitam o livre arbítrio do outro, que existe de fato, em poder se livrar do mal que carregam dentro de si, mesmo que o suicídio seja considerado crime em muitas legislações, ou pecado, em algumas religiões, as pessoas/espectadores da cena, veem neste ato uma forma desesperada de agir, algo anormal. Porém o suicida não quer morrer de fato, ele apenas quer se libertar do seu sofrimento e como a morte é a única saída vista por ele, eis que o comete.

⁴ Etimologicamente, a palavra psicose se originou a partir do grego “*psychosis*” que significa “condição anormal da mente”. Psicose é um estado mental patológico que leva o indivíduo a apresentar comportamento antissocial, em que o indivíduo tem dificuldade de se relacionar com todos em sua volta, criando ideias fantasiosas em seu contato com a sociedade. Informações obtidas no site < <https://www.significados.com.br/psicose/> > Acesso em: 14 nov. 2017.

Quando nos referimos às causas do suicídio, pensamos primeiramente que estas se devem a fatos íntimos de cada ser, que assim resolve recorrer ao ato, porém Durkheim (2000, p.25) nos afirma que “o fenômeno que se trata de explicar só pode ser devido a causas extra sociais de grande generalidade ou a causas propriamente sociais”, causas essas que o filósofo estudou e expõe no seu livro *O Suicídio*, as quais nos fazem entender um pouco mais sobre a dimensão do ato, que não parte tão somente do indivíduo, mas de uma série de fatores ligados à sociedade da qual este ser faz parte.

A cena do suicídio público é outra questão que diz muito sobre quem a praticou, das causas que o motivaram até a realização do ato, as manias e individualidades. Dessa forma, ele comanda a sua morte de tal maneira que deixa seus espectadores, sejam eles a própria mídia, vizinhos, ou a sociedade, perplexa e buscando respostas.

No que concerne este tipo de suicídio, Marquetti (2012, p.50) explica que “Nesses casos, o suicida também é quem comanda sua morte, ela é anunciada, ele a prepara, escolhe o ritual da morte, comanda-o e o traz para o espaço público”. Neste sentido, ele é quem lidera, planeja, realiza sua morte, e nos esclarece todas as motivações que o levaram a suicidar-se; quando ele se suicida em um espaço que não é privado, traz à tona suas causas e emoções ao público, tornando o ato carregado de símbolos e significações, pois, Marquetti (2012)⁵ nos expõe que, “quanto à análise e categorização dos eventos suicidas, observamos que este traz as informações fundamentais que revelam as questões socioculturais do sujeito. Assim, a análise das cenas suicidas e sua posterior categorização estão baseadas nos elementos constitutivos do próprio espetáculo suicida” (p. 22). Assim, a sociedade é vista como agente influenciador do espetáculo, no qual se registram os fatos, os motivos. Marquetti (2012) ainda explica que,

Nas cenas identifica-se um duplo abandono da vida: no próprio suicídio, ato que renuncia à sobrevivência, e na forma simbólica deste ato, forma que despreza o respeito básico ao corpo. Uma representação enfática do desprezo pelo corpo e pela vida, pois ambos ficam igualados ao lixo produzido pelos outros (MARQUETTI, 2012, p.174).

De fato, o suicida se lança ao desprezo próprio a partir do momento que se joga de um penhasco ou de uma ponte, sabendo que deste ato não voltará mais com vida; os dois: a

⁵ Neste estudo, a autora Marquetti propõe fazer uma reinterpretação contemporânea do clássico “*Suicídio*” de Durkheim; entendendo aqui os símbolos criados pelos suicidas em meio ao espetáculo na metrópole. Seu estudo adequa-se ao contexto de vida do personagem Richard Brown que vivia na metrópole, isolado em um apartamento, algo propiciador também ao seu ato suicida.

vida e o corpo físico, tornam-se deteriorados, comparando-se a “uma coisa” que não tem o menor valor.

A cena do suicídio é também marcante para seu (s) significado (s), pois o protagonista sempre a deixa pronta para ela ser vista pela sociedade. Com relação a isso, a autora Marquetti (2012) adiciona:

A cena suicida, apoiada no seu cenário, traz elementos intrigantes que podem revelar particularidades do sujeito, que aparentemente eram estranhamentos, manias, desvio patológico. Porém, a análise dessas peculiaridades pode nos mostrar outras dimensões do sujeito e sua relação com o meio sociocultural e, assim, retirar o suicídio de um enquadre de anormalidade para uma vertente que aponta para a interação sujeito-cidade (MARQUETTI, 2012, p.27).

Assim, diante da “cena suicida”, em que as impressões são registradas, símbolos, resquícios e sinais que tornam o ato menos atípico, afirmamos que a questão da sociedade é também influenciadora desse ato, pela interação do sujeito com a cidade, pelo espetáculo que ele protagoniza para ela. Ao depender de como a cena suicida ocorre, nela torna-se perceptível o sentimento de libertação ao qual este ser/personagem busca para si. E os espectadores, neste caso, tornam-se elementos ativos por participarem da construção da cena tanto quanto os protagonistas, por serem eles que vão atribuir possíveis leituras e descrevê-las.

Antes de a cena explícita do ato passar a existir, Marquetti (2012, p.46) afirma que “no espetáculo suicida da era do simulacro⁶, o próprio suicida não é mais sujeito, ele é a imagem, ou a cena, que será veiculada aos espectadores da metrópole, ao vivo ou através da mídia”.

Ademais, na modernidade o suicídio era tido como dramático. O sujeito ao atirar-se de uma ponte, por exemplo, preconizava uma ação “dramática” a tal ato, mas, neste caso, intitulado de pós-modernidade, em que a forma de representação da sociedade é definida pela possibilidade do sujeito viver a imagem, a aparência, está relacionada a um jogo de representações e encenações, onde a imagem do objeto, a imagem do sujeito e o próprio sujeito seriam amalgamados. Assim, a cena suicida invalida o suicídio, tornando-a mais expressiva que o ato em si, ou seja, o indivíduo torna-se apenas uma figura ilustrativa; a cena como uma toda é mais impactante que a própria ação de suicidar-se, e assim seria de fato um espetáculo. De acordo com o pensamento de Gaio e Bentes (2016) afirmam:

⁶ Segundo Jean Baudrillard (1929), vivemos em uma era cujos símbolos têm mais peso e mais força do que a própria realidade. E dessa forma, surgem os “simulacros”, simulações malfeitas do real que, contraditoriamente, são mais atraentes ao espectador do que o próprio objeto reproduzido.

Numa primeira impressão, apressada e superficial, o suicídio seria um ato de coragem: precisa ser muito corajoso para tirar a própria vida. Conseguir voltar-se contra si próprio. Posto que é antinatural cortar seus próprios laços que o vinculam à nossa existência, interromper a conexão com um plano de vida em que não devemos fugir às nossas responsabilidades. A despeito da angústia do suicida já conferir um estado cavernoso, que o associa à morte antes mesmo de se matar de verdade (GAIO E BENTES, 2016, p.58).

Voltar-se contra si mesmo demonstra ser um ato audacioso, pois é mais fácil aceitar a morte quando é vinda naturalmente. Quando parte do próprio ser, a abdicação da vida torna a morte inaceitável, questionadora. O suicida já demonstra, antes mesmo de realizar o ato, um espírito de morte, sua vida já é obscura, triste e vazia, como é fácil notar nos personagens Richard e Virgínia Woolf, em *As Horas*, pois os seus estados físicos e mentais denotam seus planos.

No romance, Cunningham revela um pensamento de Leonard, relacionado à aparência de Virgínia Woolf:

Ela envelheceu dramaticamente, esse ano, como se uma camada de ar tivesse escapado de sob a pele. Os traços ficaram mais ásperos, mais gastos. Começa a dar impressão de ter sido entalhada num mármore muito poroso, branco-acinzentado. [...] de repente deixou de ser bela (CUNNINGHAM, 1999, p.33).

A beleza física e mental já não fazia mais parte da vida da personagem de Virginia Woolf. Ela tornou-se um ser de aparência deprimida devido à sua doença. Sua vida era sombria e melancólica. No romance, Richard se encontra dessa mesma forma. Em outro trecho do romance, Clarissa fala sobre seu feitio:

A cadeira de Richard é insana; ou melhor dizendo, é a cadeira de alguém que, se não de todo insano, deixou as coisas esboroarem a tal ponto, aproximou-se de tal maneira da renúncia exausta aos cuidados pessoais mais comuns – simples higiene, alimentação regular – que fica difícil apontar a diferença entre insanidade e desesperança (CUNNINGHAM, 1999, p.52).

Isso denota a maneira de como Richard se comporta ao viver sujo e sem alimento, e como se entrega cada vez mais à depressão. Nesse trecho, percebemos a sua falta de disposição para a vida, e sua iminente entrega à morte. Richard é alguém que vive sozinho, doente psíquica e fisicamente na escuridão de um pequeno apartamento. Nessa situação social, torna-se claro que ele não deseja se curar dos seus transtornos, se entregando mais e mais aos mesmos.

3 As horas da libertação

3.1 *As Horas*: uma viagem do real ao imaginário

O romance *As Horas* nos mostra um dia na vida de três mulheres, Virgínia Woolf ⁷, Laura Brown e Clarissa Vaughn, que vivem em espaços temporais divergentes, mas que são entrelaçados na narrativa através do romance *Mrs. Dalloway*. Por meio da escrita em fluxo de consciência, ou “corrente de pensamento”, algo perceptível no romance como foco narrativo ao qual é caracterizado da seguinte maneira, de acordo com Carvalho (2012):

A crítica literária apropriou-se do termo *stream of consciousness* (ou ainda *stream of thought e stream of subjective life*), criado pelo autor William James (1955), para exprimir a continuidade dos processos mentais, cuja representação tem sido buscada por alguns ficcionistas. James criou esse termo para indicar que a consciência não é fragmentada em pedaços sucessivos, não há junturas, mas sim um fluxo contínuo (CARVALHO, 2012, p. 57).

Através desta técnica narrativa que explora a consciência múltipla dos personagens, o autor divide as três histórias em capítulos intitulados com o nome de cada uma das três mulheres, para assim poder situar melhor o leitor. No romance *As Horas*, o narrador onisciente além de guiar a narrativa, se encarrega também de participar da narração para ambientar o leitor do foco narrativo; o lugar da cena, visão e audição, ou seja, os efeitos que a leitura causa para o leitor poder sentir-se dentro da história, como se estivesse vivendo as situações junto com as personagens.

Em *As Horas*, a personagem de Virgínia Woolf é obrigada a se afastar de Londres por seu médico devido a problemas psiquiátricos; ela vive com seu marido no subúrbio de Richmond em 1923, enquanto escreve seu romance *Mrs. Dalloway* (1925), portanto, toda a sua carga emocional é transpassada para a obra, inclusive o suicídio.

Em 1949, Laura Brown, uma dona de casa, casada, e grávida do seu segundo filho, tenta preparar um bolo de aniversário para seu marido, com seu filho de três anos, Richie e fracassa na primeira tentativa. Apesar de uma vida aparentemente tranquila, Laura vive infeliz, presa ao seu casamento e à uma vida na qual é diferente da que ela imaginava para

⁷ Neste caso, Virgínia Woolf é a personagem titular do romance em análise, inspirada na autora inglesa que realmente existiu e cometeu suicídio em 1941.

si. Durante o romance *As Horas*, Laura lê o romance *Mrs. Dalloway*, de Virgínia Woolf, e cogita a ideia de morte para escapar desta realidade julgada por ela como aprisionadora.

Já Clarissa Vaughn é retratada como uma mulher moderna, no final do século XX. Com uma carreira bem sucedida, vive uma relação homoafetiva e duradoura na qual é sempre questionada pela amiga da sua filha, Mary Krull, pela maneira como cada uma vê a homoafetividade e por viver em um relacionamento nos moldes heterossexuais. Clarissa é chamada paradoxalmente por seu amigo Richard Brown, de *Mrs. Dalloway*. Ela busca durante toda a trama realizar uma festa que está preparando para seu amigo Richard, em comemoração a um prêmio que ele irá receber. Mas sente-se vazia com o passar das horas por ainda está presa ao passado vivido com Richard.

Richard é soropositivo e vive preso por sua doença em seu apartamento frio e sujo, onde não enxerga motivos para ser homenageado ou digno de aplausos, pois acredita que está recebendo este prêmio apenas por causa da sua doença. Richard se encontra em depressão e num estado de profunda melancolia. Diz ouvir vozes e tem alucinações frequentes. No romance, sua representação psicológica se adequa à classificação de Durkheim (2000) como suicídio maníaco que “se deve a alucinações e delírios” e no qual “o doente se mata para fugir de problemas imaginários”, porém apresenta uma profunda melancolia. (p. 40)

Ademais, no desenrolar da trama narrativa, Virgínia Woolf, enquanto passa o dia escrevendo seu romance, vive sérios transtornos psíquicos, diz igualmente ouvir vozes e sente fortes dores de cabeça, deixando seu esposo Leonard Woolf preocupado. À essa personagem torna-se aparente sua infelicidade, tristeza exagerada e a melancolia que torna a vida dela um martírio, pois não demonstra mais querer a vida triste que têm, ela busca a “libertação”. Ela se encontra com transtornos psíquicos em alto grau, como afirma Durkheim (2000) ao definir os tipos de suicídios de alienados, “o suicídio melancólico que está ligado a um estado geral de depressão, tristeza exagerada que faz com que o doente não aprecie mais as relações sadiamente ao seu redor” (p. 40-41). Isto nos faz perceber a vida aprisionada que ela leva, pois não há mais sentido no mundo ao seu redor.

No romance *As Horas*, vemos diversas referências a *Mrs. Dalloway*, quando Clarissa fala que “ainda é preciso comprar as flores” (1999, p.15), remetendo à primeira frase do romance de Virgínia Woolf, quando Clarissa Dalloway fala que “ela mesma compraria as flores” (2012, p.7). Como também, a maneira como se comporta a fazer festas em sua casa, faz Richard chamá-la de *Mrs. Dalloway*, tal qual a do romance.

Na personagem Laura Brown, vemos a representação da mulher que não aceitou adequações para sua vida. Mrs. Brown admira Virgínia Woolf por ter um teto todo seu, para poder escrever sobre o que pensa e Virgínia Woolf escreve o livro, que inicialmente se chamaria *As Horas* (o mesmo título que Cunningham se apropriou para deixar sua obra mais próxima da sua inspiradora).

A morte e o suicídio estão interligados na vida das três personagens, mesmo que por vezes, simbolicamente. Virgínia Woolf e Richard Brown se matam no romance; Woolf pensa em matar a personagem da sua história e Laura acredita que ser uma pessoa ordinária, talvez seja o mesmo que estar morta.

Outro fator recorrente na história é o papel convencional da mulher, relacionado à maternidade. No romance, Virgínia Woolf não podia ter filhos por causa dos tratamentos de saúde. Laura Brown, não se sente adequada ao papel de mãe e Clarissa decidiu ter uma filha por meio de inseminação artificial. Ademais, vemos estas mulheres em busca de autonomia; elas estão à frente do seu tempo e não aceitam adequações, Virgínia Woolf é uma escritora, Mrs. Brown não quer ser apenas dona de casa e Clarissa Vaughn vive de um modo como poucas mulheres na sua época.

No final do romance, percebemos o encontro das duas histórias quando Laura Brown aparece idosa na casa de Clarissa, após ter deixado sua família para viver “livre” em outro lugar. Entendemos que ela é a mãe de Richard, o garoto de três anos que a via constantemente ler o livro *Mrs. Dalloway*.

3.2 O suicídio como representação da liberdade

Os suicídios das personagens em análise, ocorrem em momentos distintos visto que vivem em épocas diferentes. De início, no ano de 1923, Cunningham (1999) nos descreve a autora inglesa mergulhando no rio Ouse, com os bolsos cheios de pedras para poder se afogar mais rápido e morrer:

[...] Imagina-se dando meia-volta, tirando a pedra do bolso, voltando para casa. Com certeza ainda teria tempo de destruir os bilhetes. Podia continuar vivendo; podia praticar essa bondade final. Parada com água até os joelhos, decide que não. As vozes estão aqui, a dor de cabeça está vindo e, se ela se entregar de novo aos cuidados de Leonard e Vanessa, eles não a deixarão partir outra vez, não é mesmo? Decide insistir para que eles a deixem ir. [...] Por instantes, ainda, não parece nada; parece um outro fracasso; apenas água gelada da qual pode sair facilmente, nadando; mas nisso a correnteza a envolve e a leva com uma força tão repentina e vigorosa que a impressão é a de que um homem muito forte surgiu do fundo, agarrou suas pernas e segurou-as de encontro ao peito. Parece algo pessoal (CUNNINGHAM, 1999, p. 10-11).

Nota-se o anseio que a personagem demonstrava pela morte, que havia planejado seu suicídio, e que desta vez não haveria falhas. De acordo com Moraes et al (2006, p.9) “esta personagem se mostra com evidentes traços de depressão psicótica através de alucinações auditivas, perda de memória, isolamento, lentidão de movimentos, falta de apetite, cabelos desalinhados e roupas surradas”.

Uma das descrições mais simbólicas no romance é quando Virginia Woolf sugere a Angélica, sua sobrinha, algumas rosas amarelas, para o funeral de um pássaro morto: “que tal apanharmos também algumas rosas?’, Virginia sugere a Angélica. ‘vamos, sim’ [...] ‘as amarelas.’ (CUNNINGHAM, 1999, p.97-98) e logo após, comenta sobre a coroa de flores feita para ele (um tordo⁸, cinzento): “[...] Virginia olha com um prazer inesperado para o modesto círculo de espinhos e flores; para esse leito silvestre de morte. Bem que gostaria de repousar nele” (CUNNINGHAM, 1999, p.99), expressando o sentimento de querer estar morta como a ave naquele momento, demonstrando como nunca um profundo anseio pela morte.

De acordo com o *Dicionário de Símbolos* a cor amarela das flores, pode significar o sol, visto como luz para seguir, ou seja, a personagem vê na morte uma luz para encontrar a liberdade. As flores em geral simbolizam a fugacidade das coisas, assim como também, “as flores amarelo-alaranjado significam confiança, intuição, constância, fé, sabedoria e intelecto” (CIRLOT, 1992, p.206), a personagem não vê nada de negativo quando se encontra a admirar o pássaro morto rodeado de flores, mas sim algo positivo como se existisse uma fé ou esperança em algo melhor após seu ato suicida, ou na própria morte.

Portanto, entende-se que a melancolia está presente na vida de Woolf, visto que esse sentimento “caracteriza-se psiquicamente por um estado de ânimo profundamente doloroso, o desaparecimento do interesse pelo mundo exterior, a perda de capacidade de amar, a inibição de todas as funções e a diminuição do amor próprio” (FREUD, 1944, p. 236). Essa melancolia intensa pode ser uma das causas para seu ato suicida, além de tudo o que está ligado ao redor de sua vida. Vemos outro trecho do romance em que Woolf descreve seus pensamentos:

Estou só, pensa Virginia, à medida que o homem e a mulher continuam subindo a

⁸ De acordo com o dicionário informal, o tordo é um sinônimo do pássaro “sabiá”. Nome científico *Turdus philomelos*, é um passarinho da família Turdidae, natural da Europa, norte da África e Oriente Médio. Informações disponíveis em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/tordo/>> acesso: 09 nov. 2017

ladeira e ela segue descendo. Não está só, é claro, não de maneira reconhecível aos outros, porém neste momento, caminhando no vento em direção às luzes da Quadrant, sente a proximidade do velho demônio (de que outro nome chamá-lo?) e sabe que estará irremediavelmente sozinha se e quando o demônio aparecer outra vez. O demônio é a dor de cabeça; o demônio é a voz dentro da parede; o demônio é uma barbatana rompendo ondas escuras. O demônio é aquele nada ligeiro e pipilante que foi a vida do tordo. O demônio chupa toda a beleza do mundo, toda a esperança, e no fim o que sobra é o reino dos mortos vivos – sem alegria, sufocante (CUNNINGHAM, 1999, p. 135).

Notamos, portanto, os “demônios” que atormentam a vida da personagem, relacionados a seu estado psíquico, e a sua vida cotidiana. Conforme aponta Durkheim (2000) é possível que o suicídio, aqui em específico o da personagem Virgínia Woolf, se encaixe no tipo de *suicídio egoísta*, aquele em que o ego individual se afirma demasiadamente face ao ego social, ou seja, há uma individualização desmensurada. Sobre isso, o filósofo adiciona:

Há pouca dúvida de que seja sua consequência a expressão individual. Essa apatia à ação, essa indiferença melancólica resulta do estado de individualização exagerada pelo qual definimos esse tipo de suicídio. Se o indivíduo se isola, é porque os laços que o uniam aos outros estão fracos ou rompidos, é porque a sociedade, nos pontos em que ele tem contato com ela, já não está fortemente integrada. Os vazios que separam as consciências e as tornam estranhas umas às outras provêm justamente do afrouxamento do tecido social (DURKHEIM, 2000, p.361).

Assim, as relações entre os indivíduos e a sociedade se afrouxam, fazendo com que o indivíduo não veja mais sentido na vida, não tenha mais razão para viver; ressaltando novamente no que Durkheim afirma que as causas são sempre sociais.

Dessa maneira, por estar sempre em perigo constante devido à melancolia presente em sua vida, a personagem enxerga na morte a liberdade. Por não conseguir mais viver daquela forma, ela “escolhe” se afogar em um rio. Neste caso, vemos a água carregada de símbolos como a morte, mas também renascimento, pois de alguma forma a personagem de V. Woolf deseja uma nova vida. “A expressão mítica ‘surgido das ondas’ e ‘salvo das águas’ simbolizam a fecundidade e é uma metáfora do parto”, ou seja, é como se a personagem escolhesse a água para poder renascer e se libertar, retornando ao ventre de sua mãe, para ter nova vida, como escreve Cirlot (1992, p.55).

Laura lê o romance de Virginia Woolf, *Mrs. Dalloway*, e cogita o suicídio para escapar de uma realidade que para ela, é sem sentido, uma vez que espera da vida algo mais significativo diante da simplicidade de sua vida doméstica. Durante o dia, quando fracassa ao fazer um bolo de aniversário para o marido, ela vai para um hotel para poder ler seu livro em paz e pensa em cometer suicídio:

É possível morrer. Laura se indaga, de repente, como ela – ou qualquer outra pessoa – pode fazer uma opção dessas. É um pensamento afoito, vertiginoso, meio sem corpo – que se anunciou em sua cabeça, de modo vago mas distinto, como uma voz estalando numa estação de rádio distante. Ela podia se decidir de morrer. É uma noção abstrata, luminosa, nada mórbida. Quartos de hotel são onde as pessoas fazem coisas como essa, não é verdade? [...] Talvez pudesse ser profundamente reconfortante; talvez haja libertação: simplesmente partir. Dizer a todos eles: Não consegui administrar, vocês não fazem ideia; eu não queria mais tentar. Talvez haja uma beleza tenebrosa nisso (CUNNINGHAM, 1999, p. 122).

Nesse trecho vemos que Laura planeja seu suicídio por instantes, pois essa personagem vê na morte uma beleza tenebrosa e também uma possibilidade de libertação para sua frustração social como esposa e mulher. Ela sofre internamente por não conseguir ser a mulher que a sociedade impõe ela a ser, que tentava, mas não era feliz. Em outro momento, quando está em casa à noite, no banheiro pensa mais uma vez:

Pega o tubo da prateleira e o põe contra a luz. Há no mínimo trinta pílulas lá dentro, talvez mais. Ela o devolve ao armário. Seria tão simples quanto entrar num quarto de hotel. Tão simples quanto. Pense como poderia ser maravilhoso não ter de se preocupar mais, nem lutar ou fracassar (CUNNINGHAM, 1999, p.168).

Assim como Woolf, ela praticaria o suicídio egoísta, o do tipo que torna o indivíduo incapaz de ver sentido na vida; ao contrário, se entrega à depressão. Como Durkheim (2000, p.362) escreve “o indivíduo, em vez de meditar tristemente sobre sua condição, resigna-se a ela de bom grado. Tem consciência de seu egoísmo e das consequências que logicamente decorrem dele”, ou seja, a pessoa, neste caso a personagem Laura Brown vive depressiva e não tenta se libertar da melancolia, apenas vivenciá-la mais ainda. Essa personagem desiste a tempo, mas enxergava no suicídio a solução para seus problemas até o momento em que ela planeja, mas pensa em sua família e renuncia ao ato suicida.

Ao decidir não mais cometer suicídio, a personagem Laura Brown vê na vida um novo sentido. A “nova vida” que de agora em diante terá, a liberdade tão sonhada, pois após ter a filha, ela abandona a família e vai viver livre como aspirava.

Clarissa Vaughan, uma representação da personagem principal do romance de Virgínia Woolf, *Mrs. Dalloway* cuida do seu amigo Richard Brown, com o qual teve um romance no passado. Ele frequentemente diz a Clarissa que só se mantém vivo por causa dela, colocando nela a culpa da sua existência. Sobre isso Moraes et al (2006) afirmam que:

Neste personagem, evidenciam-se sintomas psicológicos bem distintos: apatia, tristeza, hostilidade, pessimismo, desmotivação, solidão, cólera, fadiga, retraimento social, perda da noção do tempo. Também se torna evidente um quadro generalizado de inferioridade moral, insatisfação com o ego - tido como "pobre e vazio" -, autorecriminação, autoconfiança e autoestima baixas, aliadas à constatação de surtos psicóticos expressos nos delírios e alucinações, que Richard refere como fogo negro e vozes. Tais sintomas permitem que se atribua a Richard uma estrutura de personalidade melancólica, o mais grave nível de depressão (p.10).

Portanto, percebemos que esse personagem apresenta várias características de depressão: não se importa mais com a aparência, se esquece de tomar os remédios; sua casa é melancólica, decadente, escura e as flores sempre estão murchas e é Clarissa que sempre as troca.

Richard apresenta resquícios do abandono, tanto da sua mãe, Laura Brown (que após ter tido a filha, abandonou a família), quanto do seu ex-parceiro, além de visivelmente apresentar transtornos mentais. A representação de Richard, assim como a de Virgínia Woolf, igualmente se enquadra nos escritos de Durkheim (2000) uma vez que comete o chamado suicídio melancólico, algo que intrinsecamente,

Está ligado a um estado geral de extrema depressão, de tristeza exagerada, que faz com que o doente já não aprecie sadicamente as relações que têm com ele, as pessoas e as coisas que o cercam. Não sente nenhuma atração pelos prazeres; enxerga tudo sombrio [...] (p.40-41).

Neste personagem, torna-se clara a falta de amor à vida uma vez que apresenta sentimentos de dor e tristeza em relação a tudo o que o cerca. No final da tarde, sua amiga Clarissa vai buscá-lo em seu apartamento para a festa que ele seria homenageado, mas Richard se encontra sentado no parapeito da janela do quinto andar do prédio. Enquanto Clarissa tenta impedi-lo de pular, ele diz: “está tão bom aqui. Sinto-me tão livre” (CUNNINGHAM, 1999, p. 157), encarando o suicídio como libertação. Ameaçando se matar, fala para Clarissa que a ama, que vive ainda por causa dela e repete a frase que Virgínia Woolf escreve na sua carta de suicídio, “acho que ninguém pode ter sido mais feliz do que nós fomos”. (CUNNINGHAM, 1999, p.159) Clarissa por sua vez, tenta impedi-lo, porém ele se joga da janela e consuma o ato.

O ato de jogar-se da janela faz referência a um voo quando ele se lança ao ar, algo usado metaforicamente como uma ideia de “libertação”. De acordo com Alvarez Ferreira (2013, p. 25) “Para Nietzsche, com efeito, o ar é a substância mesma de nossa liberdade

[...] No reino da imaginação, o ar nos liberta dos devaneios substanciais, íntimos, digestivos. Liberta-nos de nosso apego às matérias: é, pois, a matéria de nossa liberdade.”, assim, Richard utiliza-se do elemento “ar” para libertar-se de suas frustrações diárias e tormentos psicológicos podendo ser comparado a um pássaro preso na gaiola; através do ar, seria a única forma de escape, como uma única luz de liberdade enxergada por ele. Podemos notar no trecho seguinte, a cena suicida:

Ele parece tão seguro, tão sereno, que por um instante Clarissa imagina que não tenha acontecido nada. Chega à janela a tempo de ver Richard ainda no ar, o roupão esvoaçando, e ainda nesse momento parece que talvez não passe de um acidente pequeno, algo passível de reparação. Ela vê quando ele atinge o chão, cinco andares abaixo, vê quando ele se ajoelha no concreto, vê quando a cabeça bate, ouve o som que ela faz e, ainda assim, acredita, pelo menos por mais um instante, debruçada no parapeito, que ele vai se levantar outra vez, meio zozzo, quem sabe, sem fôlego, mas ainda ele mesmo, ainda inteiro, ainda incapaz de falar. [...] ele jaz onde caiu, de cara para o chão, o roupão atirado sobre a cabeça, as pernas nuas expostas, brancas contra o concreto escuro (CUNNINGHAM, 1999, p.159).

Diante de tanta frustração, melancolia e dor, Richard também encara na morte a “libertação”, pois para ele a morte faria com que se ele livrasse de todos os sentimentos ruins que a depressão lhe causara, inclusive do abandono da sua mãe e do seu ex-parceiro, um dos fatores mais agravantes de sua doença mental. Assim, Richard vê sua saúde mental totalmente entrelaçada com as perdas que teve ao longo da vida, o que o influenciou para cometer o ato suicida. Acerca disso, Gaio e Bentes (2016) apontam ainda que:

Longe de um juízo condenatório moralista religioso, Mirbeau vê no suicídio um ato racional, que resulta tanto da tomada de consciência filosófica cheia de sabedoria, como da influência desastrosa de uma civilização moribunda e mortífera. A sabedoria vem da aceitação lúcida de um destino e da renúncia aos falsos bens do mundo. A morte é a verdadeira liberdade e paz definitiva (GAIO E BENTES, 2016, p.37).

Assim, torna-se clara a necessidade de liberdade e de “paz” que ele enxergava apenas na morte; em meio a tanto desespero, o suicídio se tornou a única solução para a paz.

Finalmente, o romance *As Horas* utiliza símbolos, especificamente a água, o ar, as flores e o pássaro, retratados como forma metafórica para prenunciar o suicídio de três personagens envolvidos em problemas psicológicos. Em ordem cronológica no romance, a

personagem de Virginia Woolf já nos antecipa seu estado de depressão, que culmina em seu suicídio, quando observa um pássaro morto, ao lado de flores, em seu jardim.

Entretanto, já no início de *As Horas* vemos a descrição da cena em que a personagem Virgínia Woolf se afoga no rio Ouse. Posteriormente, a personagem Laura Brown tenta também tirar a própria vida quando se hospeda num hotel, mas ela, diferente de Richard, decide não cometer o ato de suicídio. Por último, o personagem Richard Brown, filho abandonado quando criança pela mãe Laura Brown, agora adulto, em estado de depressão e soropositivo, tira sua própria vida no ato de se jogar da janela de seu prédio, em alusão agora, ao voo do pássaro caído que retoma à cena em que Virginia Woolf o admira, no chão de seu jardim. Assim, esses dois símbolos, ao lado dos problemas psicológicos enfrentados durante toda a narrativa literária, colaboram para o ato do suicídio dos mesmos se concretizar.

4 Considerações Finais

Mesmo ante uma vida considerada “normal”, ou perante as circunstâncias que exijam um maior esforço de superação, muitos recorrem a esse ato desesperado. O ser/personagem se sente frustrado e incompleto, o que é inerente a qualquer ser humano, porém, apresentam o estado de sua mente modificado e veem nestes momentos difíceis uma motivação ao suicídio, enxergando como única libertação para tanto sofrimento.

No romance *As Horas* cada personagem na sua individualidade, apresenta suas razões para querer “libertar-se”, diante de todo o sofrimento imposto a eles pela sociedade, ou saúde mental, física e emocional. Como nos diz Moraes et al, (2006):

De todos os vértices etiológicos das diversas teorias estudadas, o que se pode concluir é que pessoas que têm tendência a desenvolver depressão e, conseqüentemente, estão sujeitas a risco de suicídio apresentam características orgânicas geneticamente herdadas, situações familiares e sociais específicas e, principalmente, falhas ou faltas no desenvolvimento que dificultam o enfrentamento das adversidades e das frustrações impostas pela realidade externa ou interna (p. 6).

No contexto do romance *As Horas*, os personagens são lançados ao isolamento social; por não existir outra saída devido às suas condições enxergam na morte, através do suicídio, a libertação.

Dessa forma, cada personagem sofre internamente ou externamente, quando não consegue fazer qualquer atividade que qualquer pessoa comum faria. Sentiam ainda que

eram um fardo na vida dos que os cercavam. Virgínia Woolf está sempre sob os cuidados dos criados ou do marido, Laura Brown sob a atenção do esposo, e Richard Brown sob o carinho e preocupação de Clarissa. Ao cometerem suicídio, acreditam estar fazendo o bem também para essas pessoas ligadas a eles, libertando-as do “peso” de cuidar deles. Tornando-se todos livres, seja do trabalho árduo ou da vida desencaixada do restante do mundo que tinham.

Diante do exposto, e de acordo com os (pré) conceitos existentes torna-se necessária a abertura ao debate, para que o suicídio não mais seja visto como um tabu, mas uma questão social discutida e que haja a prevenção. Pois na ocorrência do espetáculo suicida, todos carregam uma parcela de culpa, visto que o suicida é um produto social.

AN ACT OF LIBERTY: REPRESENTATIONS OF SUICIDE IN MICHAEL CUNNINGHAM'S *THE HOURS*

ABSTRACT

This work intends to discuss the representations of the suicide in the novel *The Hours*, by Michael Cunningham (1999), through the actions of the characters Virgínia Woolf and Richard Brown, as well as through the frustrated attempt of Laura Brown; characters that live at different times but that are interconnected through the novel *Mrs. Dalloway*, the written by Virgínia Woolf. Our main goal in this research is to raise questions about the suicide act and discuss the likely reasons that led these three characters decide for such an act in Cunningham's novel. We will base our research on the definitions and philosophical studies of Gaio and Bentes (2016), Marquetti (2012), also referencing works by Durkheim (2000), who wrote about suicide, mainly debating its social causes. With regard to melancholia and depression, Freud (1944) discusses the inability to love, which leads the beings / characters to renounce self-love, when they commit this act of despair, seeing the suicide as the only path to be freed from a life filled with suffering.

Keywords: *The Hours*. Suicide. Release.

Referências

ALVARÉZ FERREIRA, Agripina Encarnación. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco Narrativo e Fluxo da Consciência**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. Barcelona: Editorial Labor Arago, 1992.

CUNNINGHAM, Michael. **As Horas**. Tradução: Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Tradução: Monica Stahel. São Paulo: Martins fontes, 2000.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução: C. Magalhães de Freitas; Isaac Izecksohn, vol. III. Rio de Janeiro: Delta, 1944.

GAIO, A. C.; BENTES, L. **Suicídio: um ato e muitas versões**. 1ª ed. Rio de Janeiro, Vermelho Marinho, 2016.

MARQUETTI, Fernanda Cristina. **O suicídio como espetáculo na metrópole**. São Paulo, FAP-UNIFESP, 2012.

MENDES, E. D.; VIANA, T. C.; BARA, Oliver. **Melancolia e Depressão: Um estudo Psicanalítico**. *Psic. Teor. e Pesq.* Brasília, v. 30, n.4, p. 423-431, Out/Dez. 2014
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082006000100011>. Acesso em: 17 out. 2016.

MORAES, Maria Helena et al. **Depressão e Suicídio no filme “As Horas”**. *Rev. Psiquiatr. do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, v. 28, n.1, p. 83-92, Jan/Abr. 2006. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81082006000100011>>. Acesso em: 17 out. 2016.

WOOLF, Virgínia. **Mrs. Dalloway**. Tradução: Denise Bottmann. Porto Alegre, L & PM Editores, 2012.